

# MORTE DE IRACEMA

MÁRIO LINHARES

*Tarde. No ocaso o sol declina e a sombra desce . . .  
Iracema ergue aos céus o olhar, em desatino,  
E, ante o vento que ulula e o mar que se enfurece,  
Aperta contra o seio o filho pequenino.*

*No êrmo quanto lhe pesa a infortúnio da vida  
E o pranto nubla a luz do seu olhar formoso . . .  
É que o dia desmaia e ela vê transfundida  
Na saudade da tarde a saudade do espôso.*

*Concentra-se em si mesma e mais cresce o abandono  
Em que sente a sua alma extremosa de amante.  
Seu ser é como um lírio às rajadas do outono  
E a tristeza confrange o seu lindo semblante.*

*Olha a praia deserta: — os coqueirais ao vento  
Soluçam tristemente e, onda a onda, impa e se alteia  
O oceano em macaréu e, alto, no firmamento  
Surge, aclareando a noite, o halo da lua-cheia.*

*A mágoa — misteriosa ave que as asas libra —  
Perpassa em tudo e tudo envolve em névoa bruna . . .  
Vivo e claro, à distância, o canto da graúna,  
Na tristeza sem par das coisas tristes, vibra.*

*E Iracema, de pé à porta da cabana,  
Arfa o seio na mesma angústia que a consome . . .  
E, qual para domar aquela mágoa insana,  
A jandaia ergue a voz a repetir-lhe o nome.*

*Cisma . . . e à sua visão, vivo, se desenrola  
Todo o quadro feliz do seu calmo passado:  
— Livre, mal vinha o sol, corria pelo prado . . .  
(E dos seus olhos, fio a fio, o pranto rola.)*

*. . . Livre, mal vinha o sol, ia, a sorrir, bem cedo,  
Despertando ao seu canto os pássaros nos ramos,  
Ria à flor e abalava os galhos do arvoredo  
E à sua voz vibrava a voz dos gaturamos.*

*Pés descalços, transpunha os marulhosos riachos  
E, aos saltos, agitava as suas longas tranças;  
Caíam, à sua flecha, os saborosos cachos  
Dos frutos, acurvando as ramalhudas franças.*

*Trêfega e descuidosa, em pálpita alegria,  
Penetrava, sorrindo, o seio da floresta,  
E, entre a relva, inclinando a fronte, calma, à sesta,  
À sombra da oiticica, horas e horas, dormia.*

*Dormia . . . um sono ameno a sua alma embalava  
Tranqüilamente e, mal a tarde vaga e dúbia  
Esmaecia, — a correr, como uma corça brava,  
Vinha, enquanto no ar troava o rouco som da inúbia.*

*E dos campos do Ipu, ela ia às cordilheiras  
Da Ibiapaba e passando outeiros e colinas,  
Tantas vèzes, ao sol, não vencia as ribeiras  
Do Acaraú que regava as férteis campinas.*

*Cisma . . . e em seus lábios se abre a flor de um riso franco . . .  
É que à mente lhe vem, num dilúculo estranho,  
Aquela áurea manhã em que depois do banho,  
Pela primeira vez, vira o guerreiro branco.*

*E olha o mar, olha o céu e olha os morros sombrios  
Do Mucuripe e escuta o tristonho epicédio  
Do zéfiro a gemer nos coqueirais esguios . . .  
E em tudo ouve chorar a nênia do seu tédio.*

*E a filha de Araquém fita a curva da estrada  
E procura avistar, em doloroso anseio,  
O amante e, em balde, o espera e suspira angustiada . . .  
E mais e mais estreita o filho contra o seio.*

*Abre os braços em cruz e ergue aos céus a voz cava  
E junta o seu soluço ao soluço do oceano.  
Em vão tenta amainar aquêl mal tirano  
Que a sua alma de mãe imponderalizava.*

*E o fruto do seu ventre, em lágrimas, abraça  
De nôvo olhando a curva extrema do horizonte . . .  
Sente-se exausta, a voz sufoca e o olhar se embaça . . .  
Desmaia e um frio suor desce de sua fronte.*

*Mas, de chôfre, uma sombra, entre as dunas, assoma:  
— É o vulto de Martim que regressa da guerra.  
Chega . . . e Iracema tomba exangue e os olhos cerra  
E arqueja . . . e, aflito, o espôso o filho aos braços toma.*

*E Iracema arde em febre e agoniza em delírio...  
Estranha sêde a abrasa e ao turvo olhar já cego  
Tudo lhe foge e, aos cruéis transe do seu martírio,  
Estertora no crebro e derradeiro ofêgo.*

*Como para animar-lhe, àquela angústia louca,  
A vida que se esvai no seu último arquejo,  
Martim ergue-lhe o busto e traz-lhe à fria bôca  
Eucaristicamente a extrema-unção de um beijo.*

*Quer chamar pelo amante e a voz morre à garganta,  
Reprêsa, os dedos críspa e a convulsão abala  
Todo o seu organismo e abraça-o à aflição tanta  
E olha-o e o seu vítreo olhar, mais que os seus lábios, fala.*

*Treme-lhe o corpo todo em contrações e, forte,  
Bate-lhe o pulso e o frio os membros lhe percorre;  
Infla o seio pontudo e, à agonia da morte,  
Franze o lábio a estorcer-se e desfalece e morre...*

*E, inundando-lhe o rosto as lágrimas em bagas,  
Êle, em chôro, rouqueja... e é um sol envolto em brumas  
Sua alma em desespero, — enquanto, em côro, as vagas  
Choram-lhe aos pés também o pranto das espumas.*

*E o hirto cadáver preme ao seu peito o guerreiro  
E alça, convulso, as mãos e, em delírio, blasfema!...  
— Fora aflu a brisa e dentre os leques do coqueiro  
A jandaia repete o nome de Iracema...*

*E, noite, a luz do luar sôbre as ondas se espraia  
E, entre os búzios, soluça o vento em voz tão clara  
Que parece gemer sôbre a deserta praia  
Todo o infortúnio atroz da raça tabajara...*